



FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Gisele de Souza NUEVO

Trabalho temático – Os ratos
Analogia entre dificuldades financeiras e o comodismo
demonstrado por Naziazeno

São Paulo

2010

Gisele de Souza NUEVO

**Trabalho temático – *Os ratos*
Analogia entre dificuldades financeiras e o comodismo
demonstrado por Naziazeno**

Trabalho apresentado a todas as disciplinas do 2º semestre do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

São Paulo

2010

1 INTRODUÇÃO

Será aqui apresentado o contexto da história narrada na obra ***Os Ratos***, a fim de recortar um tema e apresentá-lo nessa reflexão. A proposta é a de tratar sobre as dificuldades financeiras enfrentadas por todos em qualquer ocasião e o comodismo demonstrado pelo personagem protagonista da obra, de acordo com seu contexto social, na narrativa de Dionélio Machado.

O livro, que foi lançado no Brasil em 1935, apesar de parecer uma história simples, leva a inferir sobre a influência do dinheiro na sociedade e como pessoas pobres e ricas levam suas vidas ao redor de sua busca, ou convivência com a disposição dele.

Segundo estudiosos do tema, como a professora Célia A. N. Passoni¹ é uma das obras mais influentes da segunda geração do modernismo no Brasil, e recebeu o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras, junto com Érico Veríssimo, Marques Rebelo e João Alphonsus.

A história trata da busca realizada pelo protagonista da obra, para conseguir um empréstimo a fim de liquidar uma dívida com seu fornecedor de leite, que ameaçou o corte no fornecimento para sua família. Essa busca leva um dia inteiro e expõe os dramas e aflições sentidos por Naziazeno, além de suas tentativas frustradas de conseguir a quantia para sanar a dívida, ora sozinho, ora com seus amigos, com seu chefe, ou através de jogos, também com agiotas, evitando seus credores, até que tarde da noite, consegue a quantia necessária; porém, suas angústias dominam seu sono, e tem alucinações com ratos roendo o dinheiro conseguido.

A história reflete, portanto, um tipo de angústia presente em uma camada social que sobrevive sob os bons e maus humores de agiotas, empréstimos, penhores e outros subterfúgios utilizados por muitos para poder conseguir rapidamente determinada quantia, a fim de tentar sobreviver mais um dia, e encarar seus familiares, seus vizinhos, colegas de trabalho, porém com a torturante situação de se ter transferido para o dia seguinte a mesma necessidade: a angústia do

¹ POR trás das letras. Disponível em: <<http://www.portrasdasletras.com.br/pdtl2/sub.php?op=resumos/docs/osratos>>. Acesso em 12 nov. 2010.

pagamento de outras dívidas, e de que forma encará-las, lidar com elas.

Percebe-se que na vida de Naziazeno, ter conseguido o dinheiro para quitar a conta do leite é apenas o início de uma nova dívida, a expectativa de mais um dia caminhando em busca de uma solução. Soluções meramente paliativas.

2 REFLEXÃO

Pode-se iniciar esse trabalho reflexivo, ressaltando a grande felicidade (ou seria infelicidade?) do autor em retratar em 1935, um mal econômico que ainda é tão atual, em todas as esferas das classes sociais, do mundo “globalizado”.

Quem, na atualidade, não precisa ou precisou recorrer a bancos, financeiras, agiotas, casa de penhores ou ainda outros meios desesperadores para quitar compromissos? É incrível, como a dificuldade encontrada na história é ainda um tema tão atual, que ao mostrar a necessidade do personagem em encontrar uma saída para quitar uma dívida com o fornecedor de leite, e não perder seu fornecimento, aflige a todos, que buscam quitar seus compromissos.

Nos dias atuais, um serviço como o fornecimento de leite, uma necessidade de alimento para a sobrevivência da família de Naziazeno, pode ser facilmente comparado com a mesma necessidade de um pai de família que precisa garantir o sustento de sua família, o fornecimento da água, da luz, o pagamento do aluguel, do financiamento do imóvel, e tantas outras necessidades chamadas de básicas, mas que, sem elas, podem levar à precariedade das condições de vida de qualquer indivíduo, e assim como Naziazeno, tirar o sono, e a paz de espírito, se a solução para tais questões não for encontrada.

No decorrer da história, a busca pelo empréstimo para o pagamento da dívida se torna cansativa, desgastante e na maioria das vezes, sem sucesso ao retratar os obstáculos enfrentados pelo personagem para obter recursos a fim de saldá-la; além disso, mostra a dificuldade de uma pessoa acomodada em um emprego comum, que se encosta nos amigos, tem a esperança de resolver sua situação devido à comoção do chefe, e sem planos para melhorar sua condição, o que ajuda a tornar as coisas mais difíceis do que já se apresentam.

Na sociedade capitalista em que vivemos, os ratos representam juros altos e impostos abusivos que são pagos durante toda nossa vida, o que torna a busca ainda mais frenética para arcar com os compromissos. Difícil, não fazer uma analogia da obra com a atualidade do mundo de hoje, pois, não só naquela época, a realidade de Naziazeno, assim como a nossa, de nossos familiares, amigos, conhecidos e desconhecidos, é a mesma, a luta diária para proporcionar condições dignas de se viver e continuar conquistando mais possibilidades de melhoria.

Uma diferença da obra em relação à atualidade, é o contexto social da época, quando as pessoas buscavam nos amigos e familiares a ajuda financeira necessária de uma forma relativamente amadora; hoje, apela-se ao cheque especial, aos cartões de crédito ou às financeiras, porém às pessoas mais simples, há a dificuldade de crédito, e muitas vezes a solução é mais difícil ainda.

Naziazeno, apesar de ser funcionário público, ter um emprego estável e uma moradia, é uma pessoa que tem a obrigação social e moral de resolver o problema do fornecimento do leite e evitar seu corte, além de se sentir humilhado com a situação em que se encontra, ao encarar sua mulher e a cobrança desta, seja evitando os vizinhos, ou refletindo sobre a melhor forma de levar a questão ao seu chefe. Porém, durante sua aflição (que o acompanha durante todo o longo dia em busca do valor necessário, e após tê-lo conseguido em uma transação complicada, não alcançar a paz mental que esperava), reflete sobre o que poderia fazer para tentar mudar sua situação.

É o que pode ser verificado no trecho a seguir, ainda durante a busca pelo empréstimo:

...Qualquer daqueles seus amigos, com menos cabeça do que ele, *mexia-se*. Ele se limitava a recorrer a um ou outro... ”– Eu sei que há muitos homens que arranjam um biscate depois que largam o serviço” – dissera-lhe uma vez a mulher. “– Por que não consegues um pra ti?” – Realmente, porque não “produzir” como os demais, como todo o mundo? Agora mesmo, toda essa manhã perdida em busca de uma e outra pessoa, quando podia estar agenciando, cavando... (MACHADO, 199-, p. 35, grifo do autor).

Dessa forma, demonstra que apesar de estar ciente de sua situação, poderia tentar arrumar um “biscate”, como pensa, mas se chegou onde chegou, quer dizer que deixou a situação se agravar até não ter mais como resolvê-la, ou seja, por mais que pense nessa possibilidade, não parece ser algo que ele realmente queira levar adiante, pois diz para si mesmo: “...se limita a recorrer a um ou outro...” o que demonstra seu comodismo quanto a questão do que fazer para honrar seus compromissos e não só arrumar uma solução paliativa, e iniciar toda uma nova busca no dia seguinte.

Em outro trecho, depois do desenrolar de situações para conseguir o dinheiro, e na tentativa de descansar, há certa contradição entre sua vontade de mudar de vida e a característica de comodismo já verificada anteriormente:

...O que é que vai fazer para dar uma solução definitiva à sua vida?
O que é?
“-- Eu sei que muitos homens arranjam sempre um biscate depois do serviço”...

Ele vai amanhã mesmo – Hoje!... - procurar o “dr” Mondina. Depois de largar o trabalho quanta coisa ele poderá ainda fazer... (MACHADO, 199-, p. 123).

Por mais que pense em fazer algo, parece que não há o empenho necessário para que aconteça, é uma ideia que passa em sua cabeça, mas não há a demonstração da prioridade que a situação pede para que se torne de fato uma realidade.

Esse seu traço de comodismo, não é somente apresentado nessas reflexões, mas na própria forma de lidar com o trabalho quando o narrador observador diz que “o serviço não exige pressa, não necessita estar em dia. – Naziazeno ‘leva um atraso’ de uns bons dez meses” (MACHADO, 199-, p. 27), ou seja, se garantir seu próprio sustento e o de sua família não é uma prioridade, o que dirá colocar em dia as notas fiscais da repartição.

Conforme a natureza passiva de Naziazeno, sua falta de atitude e seu jeito medroso de ser, a impressão que se tem com os trechos destacados, e com o modo como reage às diversas situações, é o de uma vaga ideia sobre o assunto, da hipótese do “quem sabe se isso pudesse acontecer, seria uma boa”; já o “jeitinho brasileiro” ou ainda o fato de jogar para o futuro tal medida parece ser algo mais real do que a possibilidade de realmente poder colocar a cabeça no travesseiro e dormir em paz.

3 CONCLUSÃO

Na nossa sociedade, o poder do dinheiro é o que define de que forma se darão as relações sociais que acontecem em todas as classes, e o modo com que cada indivíduo desenvolverá sua vida.

Para sujeitos como Naziazeno, endividado, angustiado, desvalido e inseguro, chefe de família, funcionário público, pertencente à maior classe social brasileira – a de renda mais baixa – e com salário apertado no final do mês, (além de não poder contar com o auxílio da companheira na época em que a história é retratada, já que na década de 1930, as mulheres ainda não trabalhavam “fora”), buscas para tentar melhorar seu padrão de vida deveriam ser prioridade em sua vida.

Importante ressaltar que jamais saberemos se isso aconteceria, já que é um personagem fictício e a história se encerrou, mas saídas seguras para que não voltasse a se repetir a situação caótica que viveu poderiam ajudar a amenizar seus problemas financeiros, como a busca por uma fonte extra de renda (um bico), ou uma promoção (de forma merecida através de sua dedicação e empenho no trabalho), ou ainda, através de seu desenvolvimento educacional, a fim de melhorar seu currículo e batalhar por novas oportunidades profissionais.

É muito comum chefes de família, seja o homem ou a mulher, que cumprem dupla jornada de trabalho, ou procuram complementar o orçamento familiar com a venda de algo ou ainda oferecendo algum tipo de serviço (o famoso “bico”) para ter uma vida digna e oferecer aos seus dependentes conforto e tranquilidade, ou ainda, vão em busca de aprimoramento educacional nas suas profissões para ter um currículo com mais qualificações e lutar por melhores oportunidades no mercado de trabalho.

Óbvio salientar que, ao buscar tentativas para melhorar de vida, não há certeza alguma de que isso realmente se confirmará, mas, infelizmente, o traço de comodismo apresentado por Naziazeno, é uma característica que impede as pessoas de irem em frente, de tentarem romper com o abismo que já existe em suas vidas, e só há como saber o resultado ao tentar ultrapassar certas barreiras, e isso exige de cada um empenho pessoal, dedicação, força de vontade e sacrifícios pessoais que a pessoa tem que estar disposta a querer passar.

Triste é constatar que em nossa sociedade, para diversas pessoas, principalmente as de classes mais pobres, geralmente é mais fácil, mais cômodo,

ficar encostado esperando algo “cair do céu”, algum tipo de programa social do governo ou reclamar daquilo que pode ser mudado e que depende do esforço de cada indivíduo, mesmo com muitas exceções que existem, e que nos faz crer que é possível sim, que o “jeitinho brasileiro” não é a saída para tudo, que batalhar pelo que se quer é mais prazeroso e pode render os frutos com os quais se sonha.

Naziazeno pode ser o modelo de derrota, da incapacidade perante as adversidades, porém há infinitas formas de tentar escapar a esse estereótipo de fracasso, de inaptidão, por ser de uma classe social menos favorecida.

As oportunidades estão aí para todos, e muitas vezes, não é só uma questão de sorte (até porque, dizem que a sorte vem para quem trabalha por ela), mas a pessoa tem que querer, tem que lutar, se empenhar e se dedicar para que aquilo que deseja alcançar seja realizado através de seus próprios méritos.

REFERÊNCIAS

MACHADO, Dyonelio. **Os ratos**. São Paulo: Record, [199-].

POR trás das letras. Disponível em:

<<http://www.portrasdasletras.com.br/pdtl2/sub.php?op=resumos/docs/osratos>>.

Acesso em 12 nov. 2010.